

AINDA HÁ MISTÉRIOS

Notas sobre O Mistério da Saúde ¹

Não ouvimos o sussuro de Deus, só o ouvimos quando emudece. ²

A obra de Gadamer, que aparece agora traduzida para português, representa a compilação de um conjunto de comunicações feitas pelo filósofo, junto de um público constituído, preferencialmente, por gente ligada à medicina. Não se trata, como é óbvio, de uma história da medicina. Trata-se de algo acerca do qual não é possível fazer “história”, tal é a sua insistente *mesmidade*.

Mas, tanto em extensão, pelos problemas que aborda, como em profundidade, pela agudeza com que aí penetra, constitui uma vasta reflexão sobre... a Medicina. As reticências não são mais do que o sinal, *por escrito*, da hesitação que nos assalta sobre o qualificativo a antepor a Medicina. Íamos escrever, “uma vasta reflexão sobre a ciência médica”, quando fomos perturbados pela dúvida: mas, a Medicina é uma ciência ou é uma arte? Será uma *tecnbe*, no sentido genuinamente grego e aristotélico do termo? Ou é algo que se encontra espartilhado nas fronteiras da ciência e da arte e, ainda, inominável? Ou seja, quando se tenta uma *classificação*, vacila-se entre as expressões ciência e arte. Aliás, “o panorama que nos oferece a história da medicina, em relação a uma tensão deste tipo, é particularmente apelativo” ³.

¹ Hans-Georg Gadamer, *O Mistério da Saúde. O cuidado da Saúde e a Arte da Medicina*. Trad., A.Hall, revisão Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1997.

² Hans Carossa, apud Hans-Georg Gadamer, op., cit., p. 67.

³ Op., cit., p. 27.

E eis que nos ocorre uma questão, que deveria ter sido previamente colocada: qual a razão que leva Gadamer a meditar sobre vida, doença, cura, saúde...medicina? E por que entende, este objecto da sua reflexão, como um *Mistério*? Será que de médicos e...de filósofos temos todos um pouco? Mas, por é que temos um pouco dessas duas *coisas*? E o que é esse “um pouco”?

Esse “um pouco” é, exactamente, o que dá o título à obra: *Verborgenheit*. O segredo, o que se mantém recolhido, o interdito (*verboten*). É um mistério. Mas, qual é o campo, quais são os ingredientes desse mistério que nos podem fazer sentar à mesma mesa, a nós filósofos e a eles, médicos?

(Retiro, em parte, o que disse. Eu não sou um filósofo. Eu sou um convicto aprendiz-de-filósofo. Este foi um dos preceitos que aprendi e adoptei a partir das aulas de Introdução à Filosofia, ainda “ontem” ministradas pelo Professor Eduardo de Soveral, corria o mês de Novembro do ano de 1972, pelas 9h. da manhã, imperivelmente! Estudo, medito sobre o que estudo e vou aprendendo... Algo de semelhante, e recordando Morin (ou Sócrates), a uma ignorância que não se ignora a si mesma. Quem, como eu, teve o privilégio de, nestes últimos 25 anos, se constituir como aluno, espectador e leitor do Professor Eduardo de Soveral, pôde admirar aquilo a que se chama de coragem filosófica, intelectual, moral e física! Tudo isto consubstancia um carácter. Carácter, que *é para o homem um daimon* ⁴.

Parafraseando Innerarity, e alargando o sentido da sua expressão, diremos que *a arte, a filosofia e a medicina conspiram juntas na tarefa de ampliar a experiência humana e fortalecer a sua atenção* ⁵.

Na prática médica, como na reflexão filosófica, há um momento em que estas se vêem confrontadas com uma problemática que não encontra abrigo nem na ciência, nem na arte. Trata-se da tal zona inominada, de ninguém, des-guarneçada, como uma vertigem que se debruça, ainda que à beira do limite. Os mistérios da vida e da morte, do princípio e do fim, do ser e do nada, do bem e do mal.

⁴ Heraclito, fr. 119. D. K.

⁵ Daniel Innerarity, *A Filosofia como uma das Belas Artes*, trad., C. Rodriguez, A. Guerra, Lisboa, Teorema, 1996, p. 59.

Em diferentes passagens da obra, Gadamer demonstra que *A Experiência da Morte*, é algo que atravessa transversalmente todas as posturas filosóficas, religiosas ou outras, deixando, em cada uma delas, um rasto permanente da sua passagem. O primeiro sinal, verdadeiramente distintivo do *humano*, e que antecede, inclusive, o próprio aparecimento da linguagem, é o recolhimento, a tensão e a inospitalidade que uma tal experiência suscita, como algo que, inopinadamente, acontece à vida. O seu carácter irrevogável, sitiante e incontornável, tem levado “o nosso ilustrado mundo cultural” a procedimentos de silenciamento, de repressão, de recalçamento, numa tentativa de extirpar da consciência algo acerca do qual não se pode deixar de ter consciência.

Por muito que se *funcionalize* o acontecimento, por muito que se afaste a hora da morte alheia, das nossas horas da vida, seja através de biombos, de anestésicos ou de lugares vazios de referências, rebenta sempre o momento em que o esquecimento se faz lembrança. Perante a situação de facto, assoma à consciência, de uma forma irreprimível, a nossa incapacidade de re-ligar os dois extremos, o derradeiro ao primeiro momento, ou, numa outra imagem, a impotência para desviar o último momento da vida do precipício da não-vida. Mas, Alcmeón consegue ser muito mais *original* e expressivo, quando diz que, “(...) os homens morrem pelo facto de não poderem juntar o começo ao fim.”⁶ É a consciência do *esquecido*, que emerge na sua forma telúrica, para dizer quão ténue é a nossa existência, tal é a fragilidade em que a mesma assenta.

Gadamer refere que, pese embora toda esta tentativa de afastamento e repressão, ainda há algo que resiste e que pode ser substanciado no último testemunho de veneração, religioso ou profano, no recolhimento perante o não-ser do ser. E, por fim, a transmutação desse mesmo ser, que deixou de ser, num outro ser que nunca existiu como tal, através da sobreavaliação das suas virtudes. Esta manobra compulsiva, torna inexplicável por que é que, perante a não-vida, se experimenta a sensação da presença de um ser tão diferente e, simultaneamente, tão o mesmo. O carácter imperioso deste último acto, em que todos os dissídios e diferenças parecem apagar-se, radica, também, num *acto-de-contrição* daque-

⁶ Aristóteles, *Probl.*, 17, 3, 916, a 33. Alcmeón de Crotona floresceu, segundo Aristóteles, *Metafísica*, A 5, 986 a 29, no começo do século V a.C.

les que permanecem do-lado-de-cá, numa *mea-culpa* inocente de quem sente que terá de reprimir a memória de alguém ausente. Cumpre-nos o dever de esquecer mas, será que temos esse direito? E “Até que ponto a vida do homem pode suportar a verdade?” ⁷.

Mas, o que é que tudo isto tem a ver com os médicos? Tem muito. É que a “irracionalidade” do seu comportamento, perante a situação de-facto, é semelhante, não fugindo aos padrões de distanciação, esquecimento e repressão compulsivos. Perante o irremediável, “são conhecidas as fórmulas rotineiras com que o médico se desliga, habitualmente, da sua responsabilidade para com o paciente (...)”. Por vezes, “Na parceria entre médico e doente subsiste um abismo insuperável” ⁸. Segundo alguns médicos, “este é o exemplo típico de um comportamento “fechado” ⁹.

Para Gadamer, a meditação sobre *A Experiência da Morte* ou a repressão da mesma, deve ser sempre entendida como uma celebração do *Milagre da Vida*. É que pensar *livremente*, isto é filosoficamente, ou não querer pensar sobre o que surge ao *pensar*, significa, em qualquer caso, vontade de viver, certeza de continuar a viver, ignorância do momento da morte e convicção de que há futuro ¹⁰. A angústia que se gera, e que é uma das características fundamentais da vida, é, essencialmente, certeza de viver, é a vida como não indiferença, como interesse, que se opõe à indiferença da não-vida. É desejo de ser e de continuar a ser, é combate contra o nada. Recorrendo a uma terminologia de raiz heideggeriana, é a certeza de que o presente vai sendo um *futuro-sido*.

O *Milagre da Vida*, leva o filósofo a ponderar sobre aquilo que lhe dá suporte, *O Mistério da Saúde*. Chama-lhe de *Mistério*, porque a saúde não é padronizável, é algo que não se vê, não se faz, não se toca, nem se contrai. Não há um *modelo-da-saúde* uma vez que não é possível estabelecer um quadro de validade permanente

⁷ Hans-Georg Gadamer, op., cit., p. 149.

⁸ Ibidem, pp. 99 e 159.

⁹ Alexandre Petrovic, in Karl R. Popper, Konrad Lorenz, *O Futuro está Aberto*, trad., Teresa Curvelo, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1990, pp. 98 e 99. Mas, não deveremos conceder ao médico o direito-de-defesa? Parafraseando o tratado hipocrático, “Sobre os Ventos” (C. 1), ele vê coisas terríveis, toca coisas horríveis e, dos sofrimentos alheios, colhe tristeza pessoal (...); conhecer o rosto funesto desta arte só ao médico é revelado.

¹⁰ Afinal, “alguém tem futuro enquanto não sabe que o não tem”. Hans-Georg Gadamer, op., cit., p. 68.

e universal de algo que é, unicamente em função de um equilíbrio oscilante e não mensurável ¹¹. Ou seja, não há uma *tabela* nem uma *métrica* da(s) saúde(s). O seu carácter é, simultaneamente genérico, isto é, global e singular. A saúde é um estado geral, não quantificável, que abrange o ser particular na sua totalidade ou, noutros termos, cada um tem, vela (*e jura*) pela “sua” saúde. A “sua” saúde representa um total-equilíbrio-perfeito, oportuno, circunstancial, pessoal e intransmissível. Não se *vende-saúde*. Esta, como harmonia englobante de todos os desequilíbrios, apresenta uma *dimensão única*, que se não pode passar a outrem. A saúde não se *pega*. O *estar-bem* significa essa coincidência excepcional e constantemente indispensável, do *não-me-falta-nada-porque-está-tudo-aqui*. Ou seja, o *bem-estar* ou o *estar-bem-de-saúde*, não transige nem prescinde de algo que parece não se poder exigir absolutamente, isto é, a totalidade e a completa perfeição do existente ¹².

Ao contrário, sobre a doença, existem inúmeros padrões, que preenchem os tratados de medicina de todos os tempos. É, aliás, extremamente significativo verificar-se que os *modelos* de doenças remontam à própria medicina hipocrática. O *Corpus Hipocratticum* é um testemunho seguro desse grande trabalho de pesquisa, registo e *modelação*, levado a cabo pelos primeiros médicos ¹³. Pela mão (ou não) de Tucídides, na caracterização dos traços essenciais da peste que assolou Atenas, durante a Guerra do Peloponeso, a verdade é que o termo *Eide*, que pretende significar os aspectos essenciais que consubstanciam um determinado *modelo* de enfermidade, surge na literatura hipocrática, muito antes de dar entrada na terminologia platónica. Enfim, é por isso que, como

¹¹ Quem, como Gadamer, admira e *sabe* dos gregos, a cada passo da sua reflexão, há sempre *um* que lhe sai ao caminho. E aqui, naturalmente, surge-lhe Heraclito. As suas constantes imagens de uma harmonia no fio da desordem, de uma proporção na crista da desmesura, de um equilíbrio que se esconde e recata, levam Gadamer a formular a questão: “Teria Heraclito diante dos olhos, também, o mistério da saúde?”. *Ibidem*, p. 78.

¹² “Os enigmas da doença atestam o grande milagre da saúde, que todos vivemos e que a todos presenteia com o dom do esquecimento, o dom do bem-estar e a desenvoltura da vida”. *Ibidem*, p. 88.

¹³ Este não será o momento nem o lugar apropriado, para equacionar a questão dos *primetros* médicos, entenda-se: medicina pré-hipocrática, medicina filosófica, escolas médicas contemporâneas da escola hipocrática.

afirma Gadamer, “o estranho não é tanto a doença quanto o *Milagre da Saúde* ou “a maravilhosa existência da saúde” ¹⁴.

Na linguagem corrente surgem diferentes alocações que podem expressar o interesse *sentido* ou meramente social por outrem. Existem expressões que serão mais ou menos anódinas e desinteressadas e, por isso mesmo, mais transparentes, enquanto outras poderão indiciar, ou não, a presença subliminal daquilo que não se deve ou não quer saber: “de que é que se queixa?, leia-se, “o que é que lhe falta?”. Afinal, a questão de que partem todos os médicos e que está na base de toda a sua actividade.

Gadamer chama-lhe *A Arte da Cura* e, do nosso ponto de vista, com inteira felicidade porque, na ausência de um termo intermédio, entre ciência e arte, que nomeie, com precisão, a especificidade desta *tecnhe*, então tratar-se-á, essencialmente, de uma *arte*, uma vez que, como ciência sem arte, é de uma imperícia e ineficácia absolutas.

Perguntar-se-á: mas, os progressos da ciência em geral e da ciência médica em particular, não devem ser tidos em consideração? Obviamente que devem ser destacados e enaltecidos, uma vez que é graças a esses progressos que a *cura* avança, a doença regride e a qualidade de vida melhora. Mas isso não deve impedir que se tome consciência “das diferenças existentes entre a medicina científica e a verdadeira arte de curar. Em última instância trata-se, da diferença entre o conhecimento das coisas em geral e as aplicações concretas desse conhecimento ao caso único” ¹⁵.

Mas, onde Gadamer quer chegar, é a um outro ponto, onde se surpreende uma certa *magia*, que tem menos a ver com o avanço da ciência e mais com a finura e o apuro de uma *arte* da ordem do particular, aí, onde se encontra a vertente propriamente *humana*, condenada ao princípio da contradição.

Em termos médicos, a Humanidade, com “*H-grande*”, representa um princípio, um desígnio, uma deontologia que identifica deveres (*ta deonta*) que comprometem os médicos no seu rigoroso cumprimento, algo que representa a base, o denominador comum, a partir do qual, se desenvolve toda a sua actividade ¹⁶. Mas, a par-

¹⁴ Op., cit., pp. 101 e 76.

¹⁵ Ibidem, p. 101.

¹⁶ Referimo-nos, obviamente, ao “Juramento”. Gadamer dá uma interpretação curiosíssima para o aparecimento do mesmo. Eis o que ele nos diz: “Tal

tir daqui, o médico é imediatamente confrontado com o humano, na sua singularidade e diferença. É esta dimensão que confere ao exercício da medicina o seu carácter aporético, desafiante, imponderável e imprevisível. Perante a singularidade do “caso”. clínico, de pouco servirá ao médico, fechar-se na dependente e excessiva recorrência ao *Tratado*, se não lhe adicionar uma mais-valia consubstanciada num saber de experiência feito e ao qual se alia uma especial capacidade de discernimento, uma apurada percepção do momento exacto, ou seja, um ajustado *sentido* da oportunidade. Ou seja, “o médico deve encontrar o indicado para cada caso individual de maneira quase imprevisível, uma vez que a ciência lhe proporcionou as leis, os mecanismos e as regras gerais”¹⁷. Mas, este virtuosismo, este *insight*, este ver-(por)-dentro, só é alcançável na base de uma afinação, não ensinável, dos sentidos.

Na realidade, estamos já perante uma determinada postura da razão. Significa um estar aberto para o que vier, receptivo para o que for necessário, equilibradamente oscilante, para inverter a direcção¹⁸. Trata-se de um tipo de discernimento no sentido etimológico e original do termo grego *Nous*: o farejar do animal selvagem quando apenas sente que “algo está aí”¹⁹. Este carácter misterioso, quase insondável e avesso à racionalização normalizadora, que é próprio da *ciência* médica, é um dos aspectos que mais fascina e “comove” Gadamer ao longo da sua meditação. Trata-se da permanência e contemporaneidade dos meios, dos métodos e dos esquemas conceptuais, que estão na base da abordagem, da pesquisa e da previsão.

Ainda hoje, vinte e cinco séculos após os primeiros tratados *científico-médicos*, mantém-se a precedência e a prevalência do

como a vida é, ela roça também a morte. O médico, enquanto especialista, é precisamente quem está confrontado com este duplo aspecto da nossa existência. Por isso, todos os médicos fazem o juramento hipocrático”. *Ibidem*, p. 110.

¹⁷ *Ibidem*, p. 95.

¹⁸ Ou seja, “temos de aprender a estender uma ponte entre o teórico, que sabe de generalidades, e o prático que deve modificar a situação sempre única (...)”. *Ibidem*, p. 95.

¹⁹ “O que se desenrola entre o médico e o paciente é este estar-alerta (...), a capacidade de captar bem a situação do momento e de, nesse instante, entender e corresponder apuradamente ao homem que nos confronta”. *Ibidem*, p. 130.

olhar, do ouvir e do tocar, sobre qualquer objectividade mecanicista que ignore o comprometimento subjectivo do médico. Não será por acaso, que se evoca a sagesa empírica e pre-monitória do famoso e secular “olho clínico”²⁰; que, subjacente à emblemática expressão “diga-trinta-e-três”, está presente o reconhecimento da especial aptidão de um ouvido *à-escuta*; que, no palpar, se surpreende veneração pela sabedoria mágica das *mani-di-fata*. Eis a prodigiosa aventura da mão. A mão que mede a extensão, avalia resistências, conta batimentos e busca *diferenças*. A mão que, subtilmente, toca o rosto e *tira-a-febre*, e a mão que, em pontas-de-dedos, faz a *ronda* do corpo, através de um batimento ritmado a portas que só ela *vê*. Poder-se-á ainda falar da mão que, num último esforço, violenta o corpo, para arrancar a vida da não-vida.

É, essencialmente, com base em situações tão frequentes e vulgares, que Gadamer dedica tantas passagens à apologia da mão. Estabelece, inclusivamente, uma estreita analogia entre *palpa* da mão-palpar-tratar-curar. Mas, esta revelação leva-o a reflectir sobre quão frágil e imponderável é a nossa existência, como é problemático, a todos nós e aos médicos em especial, manter esse equilíbrio, esse absoluto mais-que-perfeito *estar-bem*, por cima de oscilações permanentes, imparáveis e imprevisíveis. O bom médico será aquele que tem a arte e a sagesa de penetrar num universo de porcelana e de, uma vez aí, não tirar, não partir nem acrescentar nada. Algo que, numa primeira análise, parece paradoxal e inaceitável. Mas, a verdade, é que a peculiaridade desta arte é, de facto, *não produzir nada*. Ou seja, o médico, a pedido do paciente, não lhe faz nem Ihe vende, o *retrato-da-sua-saúde*. Está aqui, também, subjacente, o elogio da repressão ou da contensão das técnicas cada vez mais invasivas e um apelo a que o médico não abra mão da sua verdadeira arte de curar, a qual configura o saber seguir, saber esperar, saber intervir no momento oportuno, nunca pecando por excesso ou por defeito²¹. Este saber esperar, por excesso de atenção, por ampliação do problema considerado, significa aquele

²⁰ No tratado hipocrático, “O prognóstico (C.2), o médico é aconselhado a fazer uso da sua visão a duas distâncias e a dois tempos. O “*facies hipocrático*” é o resultado dessa observação.

²¹ Parafraseando a passagem de Gadamer, para o caso em análise, pretende-se evitar que, a ciência moderna, por meio da experimentação, force a

que por ser muito lento, nunca perde o tempo. Chame-se-lhe a sabedoria da paciência ²². Aliás, o médico é, por natureza, um *paciente*: paciência para ouvir histórias ²³, para arquiectar discursos ²⁴ e para dar-tempo-ao-tempo. Na sua actividade há situações em que só lhe resta esperar para saber o que a Natureza vai fazer com as 24, 36, ou 48 horas, ou com os dias... ou com os meses... ou com os anos... Ou seja, “Nunca devemos, pois, esquecer que o doente e o médico devem estar de acordo em conceder a honra à natureza de cada vez que se consegue a cura” ²⁵.

Compreender-se-á melhor, agora, a razão de “nos sentarmos à mesma mesa”? Não sei.

Mas, repare-se nesta afirmação tão simples quanto exemplar: “lamento muito”. Ou seja: a Natureza colocou a fasquia muito alta: nada se pôde fazer; ou, só sei que não sei por que é que aconteceu. De que se fala aqui? De algo que ainda nos *prende-aqui*, a nós e a “eles”: reconhecer os limites de toda a capacidade humana; aprender a aceitar e a viver esses limites; descobrimo-nos sempre a caminho; desvendarmos a relação com uma totalidade *metastática*, isto é, não concentrável e cheia de ocultos; surpreendermo-nos com o insondável enigma que o mundo e cada homem é para si mesmo.

Será que estamos nas nossas mãos, nas do médico ou de ninguém? Estaremos nas mãos de um destino, ou de um Mistério?

José Augusto C. Ribeiro Graça

natureza a dar-lhe respostas a qualquer preço. Por vezes, a natureza é como que torturada. Vide op. cit., p. 103.

²² Esta capacidade “seria uma demora fatal que a vida não perdoaria, se as suas desvantagens não fossem equilibradas pela aquisição de algo positivo: o crescimento dessa cultura da relação com o mundo (com o homem) a que chamamos experiência”. Daniel Innerarity, op. cit., p. 33.

²³ “Ouvir histórias” é um dos momentos do estabelecimento da história clínica (*Anamnese*) do paciente.

²⁴ Vertente que não foi tratada ao longo destes apontamentos, mas que, nem por isso, deixa de merecer especial importância, pelo que justificaria um outro *grande apontamento*: o papel da palavra, do discurso (leia-se, retórica) encantatório e apaziguador.

²⁵ Hans-Georg Gadamer, op. cit., p. 111.